Trabalhos Científicos

Título: Análise De Prescrições De Fármacos Para Controle Álgico Pós-Procedimentos Em Um Hospital Pediátrico Do Sul Do País

Autores: VICTOR HUGO D´AVILA LORENZ (UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ), HELOÍSA ZANDONÁ LINHARES (UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ), JANAÍNA SORTICA FACHINI (UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ), ANA ALICE BROERING ELLER (UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ), SOFIA LYRA CASTRO (UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ), ROQUE EDUARDO SILVEIRA DE MELLO FILHO (UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ), MARCO OTÍLIO DUARTE RODRIGUES WILDE (UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ), SANDRA MARA WITKOWSKI (UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ)

Resumo: O quadro álgico em pacientes pediátricos não é devidamente investigado e seu subtratamento é comum, seja por insegurança quanto ao uso de analgésicos potentes, seja por falta de condutas e rotinas norteadoras da avaliação eficaz da dor[1]. Analisar as prescrições para controle da dor pediátrica, após procedimentos cirúrgicos e invasivos, em um hospital infantil de Santa Catarina. Trata-se de um estudo retrospectivo e quantitativo, realizado num hospital pediátrico do Vale do Itajaí. Os critérios de inclusão foram: crianças entre zero e 15 anos incompletos submetidas a tratamentos cirúrgicos e procedimentos dolorosos. Excluiu-se do estudo pacientes que necessitaram de transferência para UTI. Os dados foram obtidos a partir do prontuário eletrônico do sistema ‘‘Tasy´´. Os dados foram codificados e digitados no programa Microsoft Excel. As variáveis foram expressas na forma de porcentagens, médias e medianas. Os resultados foram apresentados em forma de estatística descritiva, gráficos e tabelas. CAAE da pesquisa no 33605620.2.0000.0120. Foram incluídos 200 pacientes submetidos a procedimentos dolorosos, sendo 50% pertencentes à cirurgia pediátrica. Dentro disso, a apendicectomia foi o mais realizado (36%). A média de idade dos pacientes foi de 8,8 anos, sendo 62,5% do sexo masculino. Dos pacientes avaliados, 24 (12%) não receberam analgesia. As medicações mais prescritas foram a Dipirona (44,5%), Dipirona associada a AINEs (27,5%), Dipirona associada a um opióide (2,5%), Paracetamol (5,5%), Ibuprofeno (2,5%), Cetoprofeno (0,5%) e Fentanil (0,5%). Apenas 1 paciente recebeu associação de 4 medicações diferentes. Dos pacientes avaliados, 99 receberam alta antes de 48h de internação. Dentre os que permaneceram internados, todos receberam ao menos 1 dose de analgésico, sendo 38,61% os que receberam entre 6 e 8 doses. A forma de aprazamento mais encontrada foi a intermitente com horários fixos, notando-se forte associação entre a discriminação dos sintomas na prescrição e o número de doses recebidas. Não foi encontrado descrição de escalas de dor. Através da análise das prescrições para controle da dor percebeu-se que o analgésico mais prescrito foi a dipirona, o que vai ao encontro da literatura analisada[2]65104,[3]. Além de um uso tímido de analgesia potente, como opióides. Foi encontrada, também, uma associação importante quanto à forma de prescrição dos analgésicos (horário fixo ou intermitente, “se necessário”) e o número de doses recebidas, sendo a falta de orientações sobre como utilizar a medicação o principal achado. Tal fato vai contra as instruções do Protocolo de segurança na prescrição, uso e administração de medicamentos proposto pelo Ministério da Saúde. Também foi percebida a carência do uso de uma escala de dor pediátrica, que permitiria uma identificação mais adequada do quadro álgico.